

AMANDA CARLA DA SILVA MENDES

EVASIVAS



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

AMANDA CARLA DA SILVA MENDES

EVASIVAS



© Amanda Carla da Silva Mendes

Editora Executiva: **Cassia Oliveira**

Revisão: **Amanda Carla da Silva Mendes**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANDREIA DE ALMEIDA CRB-8/7889

Mendes, Amanda Carla da Silva

Evasivas / Amanda Carla da Silva Mendes. — São Paulo : Recanto das Letras, 2019.

74 p.

ISBN: 978-85-7142-029-8

1. Crônicas brasileiras I. Título

19-1040

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

editorarecantodasletras.com.br

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

À Maísa e Davi que amo muito.

Aos meus alunos que me inspiram sempre a ser
uma profissional melhor a cada dia.

“A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a cousa ao grande, o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água. Demais, a sua educação militar e a sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto por ele em si, pela sua perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas.”

Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*

“Não importa o que a vida fez de você. Importa o que você fez com o que a vida fez de você.”

Sartre

Sumário

Trajectoria inversa	11
Igreja salva.....	13
Futuro promissor.....	15
Segunda chance	18
Os altos e baixos da profissão.....	20
De quem é a culpa?	23
Mera ilusão.....	25
Até quando?!	26
O real sentido da Páscoa	28
Onde está o erro?.....	29
Pense antes de agir.....	32
Ela.....	34
Baculejo	36
Evasivas	38
Deveríamos ser mais, sempre mais.....	40

A onda	42
Por que as pessoas nunca estão satisfeitas?	44
Criança hoje, inconsequente amanhã.....	45
A falsa intelectualidade do século XXI	47
Coisa de cidade grande.....	48
Com toda certeza “a leitura engrandece a alma”!.....	50
Antítese	53
Apenas ser sábio	54
Responsabilidade minha e sua	56
Mesma criação.....	59
Já pensou?	61
O outro lado é sempre mais fácil	62
Ainda pode ter jeito, acredite.....	64
Dialogismo saudável.....	67
Educação em crise?.....	68
Evasivas II	71
Você é.....	72

Trajectoria inversa

A gente costuma se apegar demais a coisas inúteis. A objetos inúteis. A pessoas inúteis. A comportamentos inúteis. E quanto mais me dou conta disso, mais me preocupo e me revolto com pessoas que elevam, enaltecem certas bobagens da vida, certos apegos a bestialidades, fazendo de tudo para se ter a roupa, o sapato, os óculos, a bolsa, o “celular” da moda ou do ano (apesar de esta expressão “do ano” já está em desuso, pois atualmente tudo é do hoje, do agora, do momento; uma vez que estamos vivenciando a cultura do imediatismo). Logicamente, se eu trabalho (ou meus pais podem me dar) e tenho condições de possuir algo “bom e melhor”, qual o problema?! Ao meu ver, nenhum. O problema surge na medida em que vejo tais coisas como necessidades indissolúveis e indiscutíveis, satisfação do ego, ou mesmo prazer em consumir (tenho que mostrar que posso; só me sentirei feliz se eu o tiver; vai preencher o meu vazio, etc.).

O homem nunca se contentou com o que tinha, sempre quis mais, já estava no seu instinto: curioso, astuto, explorador... Mas, como vemos em *Memórias do subsolo*, se o homem vivesse apenas com o necessário para a sua sobrevivência, não se diferiria muito dos outros animais, não é mesmo? Por isso a ambição, a busca pelo poder, a exploração do homem pelo próprio homem, a ganância, as divisões classistas da sociedade... tudo tem uma explicação: para se ter a “harmonia” deve-se haver sempre alguém na condição de explorador e outro na de explorado; não

é *justo* todos possuírem os mesmos direitos, deveres, riquezas... Foi por meio dessa busca incansável pelo máximo que as relações sociais foram se atrofiando, abrindo espaço para as relações superficiais, realidade vigente. O amor, sentimento tão nobre e para poucos, deu lugar ao interesse, transformou-se em negócio (mas na verdade ele sempre foi um *negócio*, moeda de troca); a amizade sincera e verdadeira, deu lugar à inveja; a dignidade, deu lugar à ambição; ser honesto sempre foi sinônimo de ser fraco... Vejamos ao nível em que chegamos... A civilização está caminhando de um jeito que não tenho ideia de onde chegará, nem como. Há todo um avanço tecnológico, mas não voltado para o ser *humano*. As relações sociais estão cada vez mais mecânicas, distantes, atrofiadas – visto que a internet aproxima quem está longe e distância quem está perto (obviamente há nesta o bom e mau uso, a depender de quem e como a utiliza).

Quando é que o homem vai perceber que ele depende do *outro* para se humanizar e não de robôs, máquinas ou medicamentos desempenhando tal papel?! Que precisa de um amigo para conversar e não de um aparelho repleto de jogos que supram essa carência, ou mesmo de um celular com mil e um aplicativos/utilidades? De um abraço e aperto de mão sinceros para perceber a importância dos laços afetivos e não de um carro ou smartphone que “tem tudo”? De um trabalho digno e honesto que ele desempenhe com vontade e gosto e não simplesmente pelo salário que esse possibilita ou porque é uma profissão de destaque social? Acredito que está na hora (ou melhor, já estamos atrasados) de olharmos à nossa volta, parar para pensar e refletir o que realmente nos importa, o que nos interessa verdadeiramente e não o que nos completa, pois já somos inteiros o suficiente.

União dos Palmares – AL, junho de 2016.

Igreja salva

Acredito muito no poder transformador que Deus tem em nossa vida. Só não admito quando dizem que o encontraram na *igreja* tal. Amigos, vamos parar com essa ilusão, esse tempo já passou há muito. Deus tem o poder, sim, de transformar nossa vida, mas se eu nem você quiser ou aceitar que essa mudança depende exclusivamente de mim, da minha postura, da minha convicção, do que eu quero, não há nomenclaturazinha de igreja nenhuma que lhe salve, muito menos que transforme a sua vida. A transformação foi só fruto da sua busca, escolha.

Igreja não salva. O que salva são ações, gestos, caridades, amor ao próximo, se colocar no lugar do outro, ter humildade... Não adianta você dizer ou bater no peito por aí que ama a Deus, se não é capaz de amar teu próximo, quem está ao teu lado, implorando tua ajuda – seja ela ajuda física, material ou espiritual. Olhar bem dentro dos olhos, abraçar, dar conselhos, ser amigo, estar sempre disposto a ajudar, servir; dizer o certo na hora certa, isso é amar. Isso é ser fiel. Isso é ser igreja. Isso é o que lhe salva. Não é a *igreja* que lhe salva.

Dia desses indo ao trabalho ouvi a seguinte frase: “Hoje foram cem almas salvas”. Confesso que não é muito comum ouvir tal frase em meu dia a dia. Uma vez que é bem mais fácil ouvir “perdidas” ao invés de “salvas”. Entretanto, sem querer, acabei ouvindo e fiquei a pensar: as almas (metonímia de pessoas) foram salvas pelo simples fato de terem

se “convertido”, aceitado adotar outro segmento religioso, pois as tais almas antes eram católicas (detalhe: na maioria das vezes são pessoas que nem se quer praticam de fato o catolicismo) – logo, estavam “perdidas” –, agora converteram-se para o protestantismo, logo estão automaticamente *salvas*. Ou seja, é só você “aceitar” Jesus, ou o “meu” Deus e pronto, já estarás salvo/a. É, confesso que não há propaganda melhor que essa, afinal, quem não quer ser salvo, não é mesmo?!

Chega de tanta ingenuidade, alimentada por falsas promessas. O povo precisa acordar. E vocês aí mudarem seus discursos... pois tolo é quem acredita que uma nomenclatura o salvará.

Ipojuca – PE, março de 2019.

“ A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a cousa ao grande, o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte. Não há dinheiro no Tesouro; ponham-se as notas recolhidas em circulação, assim como se faz em casa quando chegam visitas e a sopa é pouca: põe-se mais água. Demais, a sua educação militar e a sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto por ele em si, pela sua perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas. ”

Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*